

VALE DE CAMBRA O VALE MÁGICO

POR FERREIRA DE CASTRO



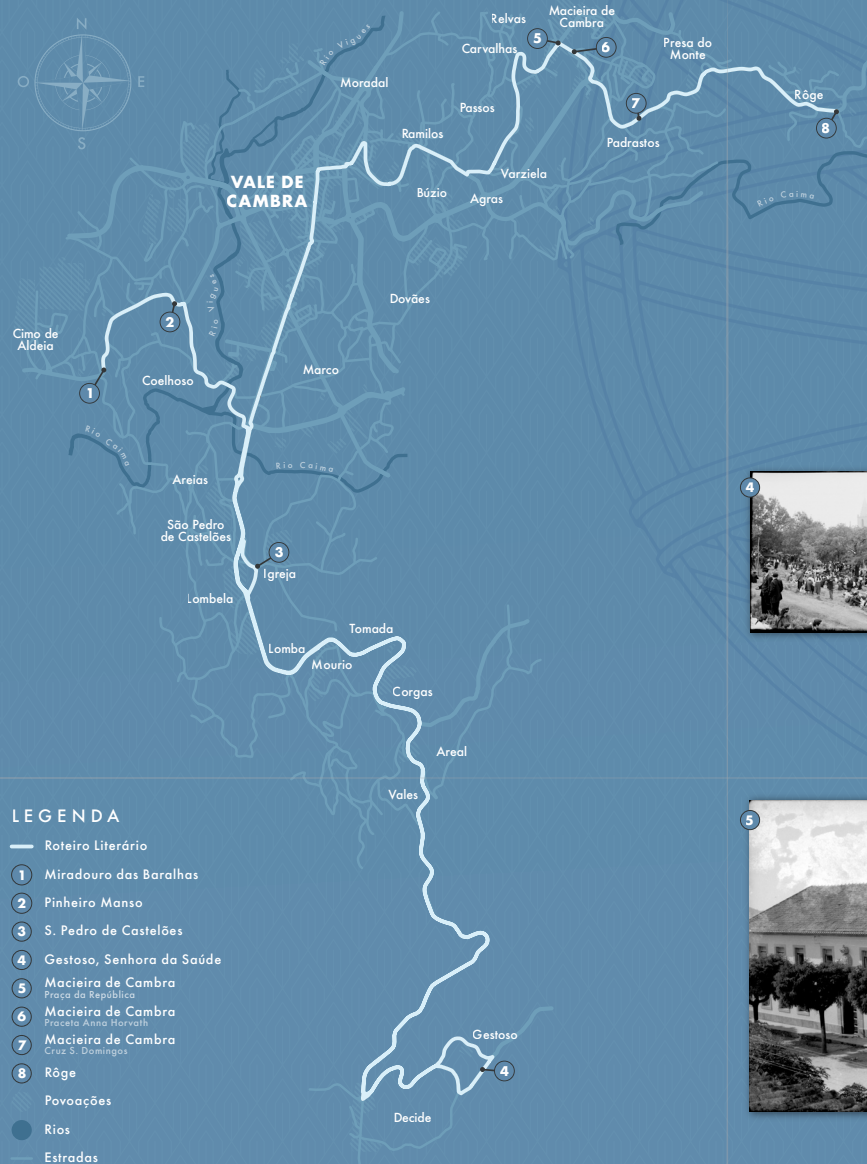
SOBRE O ROTEIRO

Vale de Cambra abre aqui uma janela que parecia querer fechar-se. Abre-a em nome de Ferreira de Castro e em nome de todos aqueles que hoje vão redescobrir um vale contado pelo romancista que se despojou de qualquer argumento ficcional para nos descrever o que os seus olhos viram e o que o seu coração sentiu por um Vale que também era seu!

Ferreira de Castro viu dessa janela um Vale Mágico, uma terra cercada de montanhas de formas extravagantes... onde tudo é verde e azul e é aqui que recuámos a um tempo outro que já deixou de ser mas que também se deixou escrever e, por isso, será sempre revivido nessas narrativas só possíveis pela mão de quem, como nós, se apaixonou por este Vale.

Os trilhos que aqui percorreu, pontuados com as suas descrições tão pitorescas que nos levam de volta a um tempo em que o bucólico contrasta com a azáfama de um vale em pleno crescimento industrial, trazem-nos um Roteiro sustentado em duas narrativas de viagem: uma, a partir do Guia de Portugal, onde Ferreira de Castro descreve o percurso entre o miradouro das Baralhas e a Nossa Senhora da Saúde; e outra, entre Macieira de Cambra e Rôge, publicada pela Revista Semestral da Junta Distrital de Aveiro, intitulada Velha Macieira de Cambra, Sempre Jovem.

Um património literário perpetuado ao longo do Roteiro, nos pontos onde Ferreira de Castro mais se demorou e, agora, mais do que excertos, parecem companheiros de uma viagem que começa aqui.



Centro da cidade de Vale de Cambra

Vila de Macieira de Cambra
Praça da República,
Praceta Anna Horvath,
continuação do roteiro...

Pinheiro Manso
Antigo edifício do
Martins & Rebello

Serra da Freita
Radar Meteorológico IPMA
(1046m alt.)

Serra da Freita
Marco Geodésico
S. Pedro Velho
(1077m alt.)

Rio Caima
Entre Pontes

Vila de S. Pedro de Castelões

Santuário de Nossa Srª da Saúde

...“é tudo verde e azul”

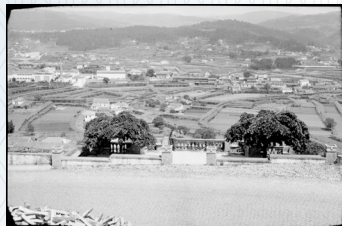
“Cercado de montanhas de formas extravagantes, não é fácil descortinar em Portugal outro mais grandioso e espetacular. Quase não tem planos. A vista desce para a imensa cavidade onde refulgem o Caima e o Viques; era entre os campos agricultados e, depois, encontra, lá longe, o contraforte das serranias, onde branqueiam dispersas aldeias, humildes casitas.

A terra é verde e o céu é azul; é tudo verde e azul com raras pintas brancas do casaredo, que mais do que moradias dos homens parecem janelas da própria paisagem. Ao crepúsculo, porém, a enorme vale sofre metamorfose, torna-se policromo – e as suas cores separam-se aqui, muito nitidas, e dissolvem-se e confundem-se além, num encanto visual indescritível.

Nas noites de luar, quando o grande balão de oiro surge na lomba das montanhas, o vale enche-se de magia, dum sortilégio que paira desde os pincares longínquos às águas sussurrantes do Caima.

O espetáculo imponente pode-se contemplar da estrada, onde existe um miradouro próprio.”

Castro, José Maria Ferreira de Castro. I Beira Litoral. In Dionísio, Sant’Anna (Coord.), Guia de Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1944. Vol. 3



...“romântica, melancólica”

Castelões. Velha freguesia, com algumas vestidas moradias, o seu cemitério e a sua igreja (construção de 1899), postos em sítio airoso, dão uma sugestão romântica, melancólica embora, a quem arriba. Mas não é a ideia da morte que nos sai ao caminho e sim uma ideia de comunhão ilimitada e eterna com a Natureza bela que nos cerca, com o sol que prateia as vinhas e os pinhais, os jardins e as vertentes. Estamos já ao pé da serra de Castelões, que se levanta por detrás da freguesia e fecha o majestoso Vale de Cambra.

...“mundo da manteiga”

A estrada desce, depois faz algumas curvas e entra em Pinheiro Manso, burgo mui asseado e muito branco, já com seus ares de urbanismo e de modernidade. Estamos no mundo da manteiga, na região de laticínios mais importante de Portugal. O leite vem quase todo das serras, como as águas que irrigam o vale, e, transformado aqui, corre o País inteiro. Atravessa-se Coelhoosa, com a sua capela, suas residências silenciosas, mui diferentes das que existem nas outras aldeias da região; cortam-se vários campos do vale, passa-se cerca da junção do Viques e do Caima, sítio pitoresca, Entre-Pontes chamado

Castro, José Maria Ferreira de Castro. I Beira Litoral. In Dionísio, Sant’Anna (Coord.), Guia de Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1944. Vol. 3



...“romântica, melancólica”

Castelões. Velha freguesia, com algumas vestidas moradias, o seu cemitério e a sua igreja (construção de 1899), postos em sítio airoso, dão uma sugestão romântica, melancólica embora, a quem arriba. Mas não é a ideia da morte que nos sai ao caminho e sim uma ideia de comunhão ilimitada e eterna com a Natureza bela que nos cerca, com o sol que prateia as vinhas e os pinhais, os jardins e as vertentes. Estamos já ao pé da serra de Castelões, que se levanta por detrás da freguesia e fecha o majestoso Vale de Cambra.



...“no pico da serra”

No pico da serra, a 763 m de alt, ergue-se a Senhora da Saúde, ermida até há pouco, recentemente templo maior, acompanhado por um albergue. Para a festa que em sua honra se celebra todos os anos, começam a passar aqui, na madrugada de 14 de Agosto, verdadeiras multidões. Vem gente da beira-mar; a muitas léguas de lonjura, vem gente de todos os concelhos próximos, das montanhas vizinhas e das montanhas distantes – e até das bandas do Porto e de Coimbra. Desde as regiões vareiras às regiões de Arouca, não há estrada nem sinuoso atalho onde neste dia não se projete a sombra dos romeiros a caminho da Senhora da Saúde. (...) A maioria vai a pé nu – que a festa nasceu humilde como a ermida primitiva e é, sobretudo, para gente de pé descalço. Lá vão elas com os pés grandes sobre o pó dos caminhos, a saia nova a bater-lhes na barriga das pernas; nas orelhas as arecadas e, sobre a cabeça, um cesto com o famel. Ao lado, vão eles. Como ganham mais dinheiro do que elas, compraram sapatos para este dia; levam cavaquinhos, harmónicas, violas e, desde madrugada alta, começam a cantar por todos os caminhos. Chegados à ermida, não entram, pois já a viram da primeira vez que ali vieram e a festa é mais pagã do que outra coisa.

Castro, José Maria Ferreira de Castro. I Beira Litoral. In Dionísio, Sant’Anna (Coord.), Guia de Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1944. Vol. 3



...“a primeira gentileza aos olhos”

Quem de automóvel ou camioneta se detenha, um dia, na velha praça de Macieira de Cambra e por ela avalete da linda terra da saúde, tecerá errado juízo. Macieira de Cambra é como essas vestidas mansões de fachada medíocre, que possuem um parque esplendoroso nas traseiras. Um parque sem portão heráldico, um deslumbrante álbum de paisagens sem frontispício.

É preciso irradiar da antiga praça, é preciso deambular por estradas e caminhos, para se surpreender a inefável beleza, ora discreta, ora imponente, desta sortilègea região. O adro oferece a primeira gentileza aos olhos. Lombas e vales, colinas e regaços abrem-se perante nós, tudo verde e azul de manhã, todas as cores do arco-íris às horas crepusculares.

Castro, José Maria Ferreira de, (1975). Velha Macieira de Cambra, Sempre Jovem, Aveiro e o seu Distrito, Publicação Semestral da Junta Distrital de Aveiro, n.º 20, Dezembro de 1975

Jardim Anna Horvath...

José Maria Ferreira de Castro, nasceu no concelho vizinho de Oliveira de Azeméis, a 24 de Maio de 1898, filho de José Eustáquio Ferreira de Castro e de Maria Rosa Soares de Castro, da freguesia de Vila Chã no concelho de Cambra.

Percursor do neorealismo em Portugal, toda a sua obra é um documento humanista e social numa linguagem direta e realista simultaneamente romântica e bucólica onde o intenso drama do quotidiano ocorre nos cenários mais idílicos.

Dentro do que Ferreira de Castro escreveu é possível encontramos descrições generosas sobre o concelho de Vale de Cambra, fruto de uma ligação afetiva provada pelo tempo de veraneio que passava aqui na Vila de Macieira de Cambra, hospedado na Pensão Suíça, muitas vezes na companhia de autores como Jorge Amado, Assis Esperança, Alexandre Cabral ou Natália Correia. Derradeira morada do romancista que após ter sofrido um acidente vascular cerebral deixa a Pensão Suíça para receber cuidados médicos no Hospital de Santa Antónia, no Porto. A morte chegara a 29 de junho de 1974.



O jardim Anna Horvath, exhibe orgulhosamente o seu busto, da autoria do mestre António Duarte, como forma de perpetuar a memória do Escritor, do Romancista mas sobretudo do Homem que acolhemos como sendo nosso e nós dele numa certeza eternizada na vida onde sentimos nas palavras que escreveu sobre a terra onde é tudo verde e azul.

...“Varanda do Céu”

Depois, é a estrada de Roge. A princípio, entre pequenas, modestas quintas, logo entre pinheiros e carvalhos, por fim ladeando, a meio da encosta, o vale do Caima. O vale é o troféu da estrada, sinuoso com as suas caprichosas saliências e seus desvãos, seus verdes pendores, suas brancas casitas dispersas, seus soberbos contrafortes montanhosos, os olhos deslumbrados jamais se fatigam de vaguear do todo para os pormenores, para os milhentos pormenores de beleza com que o seu colo acidentado nos brinda. E se porventura uma esfarrapada névoa veio de longe, do mar vareiro, pairar ali, tem-se a ilusão – inesquecível ilusão! – de que o vale do Caima é um dos fantásticos palácios onde a Quimera dá recepções.

A estrada de onde se abrange a maravilha, nada tem, em si própria, de extraordinária, nada das estradas famosas. É, contudo, quando um dia sentimos aproximar-se a nossa morte, esta velha estrada há-de incluir-se entre aquelas outras que nos darão pena, muita pena, de não podermos voltar a trilhá-las. Ela possui um encanto geórgico, uma doçura campestre inexprimível, que se mantém sempre, através das sucessivas paisagens que nos vai revelando.



Aqui, antes de descer para ROGÉ, ela forma como que uma sacada sobre o vale. Mas já não é o vale que ela parece querer ofertar-nos e sim o próprio mundo sideral. E por isso, numa noite estrelada, a crismamos de «Varanda do Céu». Dir-se-á que podemos falar com as estrelas, que podemos, se estendermos os braços, colher a mãos cheias as joias celestes, estas frutas de luz e de oiro que estão longe e são tão grandes e parecem estar pertinho e serem pequeninos.

Castro, José Maria Ferreira de, (1975). Velha Macieira de Cambra, Sempre Jovem, Aveiro e o seu Distrito, Publicação Semestral da Junta Distrital de Aveiro, n.º 20, Dezembro de 1975

...“obra lírica da Natureza”

Em ROGÉ, à obra lírica da Natureza ligam-se as obras de arte do Homem – o cruzeiro garboso e célebre, a igreja de fachada esculturada, num adro que é outro terraço sobre o romântico Vale do Caima.

O rio murmura perto dali. E seja nas suas margens, seja nas dos ribeiros seus afluentes, relvados e edênicos recantos se abrem ao nosso passo sob as frondes de amieiros e de outras árvores que se foram avizinhandos da água, para no seu espelho azul se mirarem garidamente. O rio murmura, o rio canta também uma canção suavíssima, que parece vir da noite de todos os séculos para as auroras de todos os dias.

Castro, José Maria Ferreira de, (1975). Velha Macieira de Cambra, Sempre Jovem, Aveiro e o seu Distrito, Publicação Semestral da Junta Distrital de Aveiro, n.º 20, Dezembro de 1975

